dados

Publicação semestral do
Instituto Universitário de Pesquisas
do Rio de Janeiro
1969

Tema

Wanderley Guilherme dos Santos — Teoria Política e Prospectos Democráticos

Simon Schwartzman — Desenvolvimento e Abertura Política

Candido Mendes — Elite de Poder, Democracia e Desenvolvimento

Artigos

Gláucio Ary Dillon Soares — Desenvolvimento Econômico e Estrutura de Classe

J. M. Morris & José Giral B. — Notas Sôbre a Estrutura de um Modêlo Econômico-Político

Notas de Pesquisas

Vilma Figueiredo & Ana Lúcia Malan — Empresário Brasileiro e Filantropia

Livros

6

NCr$ 10,00

TEMPOS IDOS E VIVIDOS — Memórias
Benedito Valladares
RIO DE JANEIRO, ED. CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1966

A elegância literária, quase machadiana, destas memórias de Benedicto Valladares, às vêzes oculta a importância política do depoimento do homem, que chegou a simbolizar o mito do "político mineiro". Esta importância existe, entretanto, pelo menos em dois níveis. O primeiro, mais manifesto, se refere aos acontecimentos históricos cuja *inside story* é revelada pela primeira vez, e a luz que Benedicto Valladares projeta nas ações e estilos de muitos dos representantes mais distinguidos de nossa classe política. O outro nível mais latente, que nos interessa aqui, é o que se refere ao sistema politíco no qual o autor surgiu e se projetou. Quais são os mecanismos que levam à vitória e sobrevivência de uns, e derrota de outros? Quais são os valôres e princípios que nor-

teiam a vida pública dos que ganham? Se pensamos que, na esteira de sucêsso de Valladares, vieram nomes tais como Juscelino Kubitschek, Israel Pinheiro, José Maria Alkimin, e tantos outros, a relevância destas perguntas torna-se evidente.

O que primeiro chama a atenção nestas memórias é a linguagem direta e factual, sem justificações ou racionalizações de tipo filosófico ou moralista. Existem dois tipos de fatos narrados no livro: um primeiro, relativo às manobras políticas e o segundo referente ao exercício do poder, como líder político e governador. Basta a Benedicto Valladares mostrar alguns exemplos de brandura e magnanimidade com os inimigos derrotados e apresentar uma lista de realizações de sua administração, para sentir-se justificado nas manobras e negaceios políticos que o elevam e o mantêm por muitos anos no contrôle da política mineira e, conseqüentemente, como uma das figuras centrais na política brasileira.

A tônica principal da estratégia politica de Valladares é a fidelidade quase que absoluta a Vargas. Em oposição a Antônio Carlos, que tratava de usar sua fôrça no Estado para chegar à presidência, assim como Gustavo Capanema e Virgílio de Mello Franco, que ousavam pretender uma ação política autônoma, Valladares se apresenta, desde o primeiro momento, como executor fiel da vontade de Vargas, e é assim que surge como interventor em Minas Gerais. A sua carta de apresentação ao Presidente são os serviços prestados no combate à Revolução Paulista de 1932, e Valladares em nenhum momento externa suas motivações para o desempenho que teve, como chefe de polícia às ordens do Coronel Barcelos, depois general. É bastante dizer que êstes serviços lhe valem uma carta de recomendação do General com a qual os favores de Vargas são conquistados. É interessante notar, também, como Valladares busca Vargas, depois da morte de Olegário Maciel: "(a morte) foi um choque tremendo, pois, além de o estimar muito, ficara desarvorado, sem chefe ou guia tão necessário aos moços na vida pública. Arthur Bernardes estava do outro lado, Antônio Carlos tinha seus preferidos. Os novos se engolfavam na competição politica...". Valladares se transfere então para o Rio e, "tão logo me instalara, telegrafei ao presidente Getúlio Vargas solicitando uma audiência, imediatamente concedida". Valladares é "plantado" na politica mineira por Vargas, com a oposição tanto dos politicos da velha guarda quanto dos liberais como Milton Campos, Pedro Aleixo e Afonso Pena Jr. sem falar, evidentemente, em jovens estrêlas nascentes como Gustavo Capanema e Virgílio de Mello Franco.

Uma vez instalado no govêrno, entretanto, Valladares ensaia pela primeira vez um vôo autônomo, nas manobras de bastidores que antecedem ao golpe de 1937. A manobra se dá em duas frentes. Primeiro, repetindo 1932, êle se põe de frente contra as pretensões de São Paulo à liderança política nacional, representada agora por Armando Salles. Com isto se coloca ao lado de Vargas, a quem, entretanto, não segue totalmente. Resiste a colocar a política mineira à disposição do govêrno federal para uma intervenção em São Paulo; articula, em nome de Vargas mas sem sua bôa vontade, a candidatura José Américo contra a de Armando Salles; para depois, baseado no anti-varguismo de José Américo, tentar novamente uma candidatura única, que seria, certamente, a sua. Mas os paulistas recusam, Valladares desiste de atuar autônomamente e se coloca à disposição do carro já em marcha do golpe de 1937.

A próxima tentativa de ação autônoma é a de 1945, para a sucessão de Vargas, e as manobras aqui são a cópia quase exata das de 1937. Pressentindo a fraqueza de Vargas, após a queda do Eixo, Valladares se passa para o seu Ministro da Guerra, General Dutra, cuja candidatura articula como candidato varguista *malgré lui*. A oposição de Vargas ao seu ministro não basta para trazer Valladares para o seu lado, nem mesmo quando o presidente sugere o nome do próprio politico mineiro como candidato: "agora, quando estão postas candidaturas de dois militares, é que o senhor se lembra disto?"

Varguista contra Vargas por imposição do realismo politico, a dissociação entre as fontes de poder é quase intolerável para o político mineiro, que pede a

Getúlio que apóie Dutra, e a Dutra que desista (em favor de quem?) pela falta de apoio de Getúlio. Declarado o impasse, com a queda de Vargas e a consolidação de Dutra como candidato, entra em cena um nôvo fator que, até então, não havia tido maior relevância: "meus amigos de Minas". Por seus amigos de Minas Valladares cogita até mesmo de apoiar a Eduardo Gomes, mas seu faro não o engana e permanece com Dutra. Trabalha duramente e, "apesar da derrubada de todos os Secretários, Delegados de Polícia e Prefeitos Municipais" em Minas Gerais, consegue, à frente do PSD, dar vitória ao general, e com isto tem sua sobrevivência política assegurada, ainda que menos em evidência do que até então.

Êste parece ser, em resumo, o segrêdo do "político mineiro" que sobrevive à República Velha. Não o representante de oligarquias rurais, não a expressão de interêsses econômicos dissimulados, mas o agente aberto do Chefe do Estado, em manobras palacianas quando possível, em um contexto em que o pêso específico do govêrno central na vida política do país passa a ser dominante. Quer na luta por subjugar os anseios de autonomia dos políticos mineiros, quer na ajuda ao combate às aspirações de autonomia e liderança dos paulistas, Benedicto Valladares executa à perfeição seu papel, sem chegar jamais a jogar sem cobertura, mas sem perder, também, seu lugar à sombra do poder. Em 1945, com Vargas deposto, Valladares já contava com seus "amigos de Minas" para sobreviver à breve orfandade política, que trata de obviar trabalhando duro para Dutra. Com o relativo enfraquecimento do poder central após 1945, os "amigos de Minas" não são um fator desprezível, mormente quando um esquema político que isola São Paulo, ainda deveria vigorar por mais 15 anos, agora contando com Minas Gerais como base de sustentação.

Seria magnífico se um dia tivéssemos, da pena elegante e bem-humorada de Benedicto Valladares, sua história do que passou neste período.

Simon Schwartzman